

O VIÉS PERVERSO DA SEXUALIDADE ¹

Cibele Prado Barbieri

Psicanalista. Membro do Círculo Psicanalítico da Bahia

Unitermos:

Perversão - sexualidade Infantil - castração - pulsão escópica - discurso - denegação - desmentido.

Resumo:

O texto trabalha a questão da perversão como forma discursiva, fazendo o contraponto entre o desmentido, a denegação, o recalque e a forclusão.

Apoiando-se em três situações que apontam para diferentes momentos da relação do sujeito com o gozo: a criança, o adolescente e o analista, o texto pretende focalizar os efeitos dos traços perversos na estrutura do discurso do sujeito.

INTRODUÇÃO

Essa reflexão sobre o viés perverso da sexualidade teve como fio condutor 3 situações que me inspiraram. O texto que produzi responde à elaboração e aos questionamentos que delas vieram, por isso iniciarei esta fala com um breve relato destas situações.

A CRIANÇA

Ele tem 3 anos. Os pais estão muito angustiados por uma suspeita de homossexualidade.

A mãe é uma executiva, trabalha com informática, e conduz a fala durante a entrevista.

Ela fala do gosto da criança pelas bonecas e relata como a cena desencadeante de sua angústia uma situação que aconteceu quando aos 2 anos de idade o filho brincava na piscina de seu prédio com algumas bonecas de cabelos longos da irmã, e ela foi interpelada por uma amiga sobre a adequação de seu filho brincar com bonecas.

Ela menciona também freqüentes alertas da escola em relação a uma fascinação da criança por roupas e brinquedos femininos.

Este estado de coisas levou a informações sobre a diferença sexual - anatômica e objetal - e também à adoção de medidas preventivas, tais como a proibição e sumiço das bonecas da irmã.

A mãe se queixa da ausência do pai, à qual relaciona a pouca convivência da criança com figuras masculinas e faz referência às observações de parentes sobre a possibilidade de homossexualidade.

O pai é comerciante. Mostra-se um tanto calado, pouco à vontade e manifesta-se apenas quando solicitado.

Ele fala da admiração apaixonada que o menino tem pela irmã em ligação com seu fascínio pelas coisas femininas. Atribui a ele um temperamento questionador e lembra que, ao tempo em que foram colocadas algumas diferenças entre os sexos, o filho

¹ Palestra proferida na abertura da XIV Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia, em outubro/2002

criticou sua camisa cor de rosa, já que lhe ensinaram que esta era a cor das mulheres. Assinala ainda como signo da masculinidade do filho seu gênio autoritário e a rejeição dos limites que lhe são impostos.

A criança comparece às sessões mostrando grande desinibição e ausência da angústia de separação característica das crianças desta idade. Parece bastante agitado e excitado com a situação. Exibe também uma grande fluência verbal que permite exprimir-se com desenvoltura notável para sua idade. Dentre os brinquedos disponíveis ele escolhe as bonecas e nota o fato de estarem nuas, perguntando pelas suas roupas. As interjeições e a entonação de seu discurso lembram clichês ou uma encenação caricatural do feminino.

A certa altura da encenação ele pede para ir ao sanitário para o qual corre e lá urina nas roupas, com um sorriso de constrangimento, como quem não pôde se conter.

A questão da dificuldade em aceitar limites, mencionada pelo pai, logo se expressa quando sinalizo que não é permitido levar os brinquedos do consultório para casa. Diante desta negativa ele acrescenta na seqüência: “Só se eu ...”

Este mecanismo discursivo se repete ao longo das sessões revelando que, em resposta à angústia subjacente a cada situação de impedimento ou proibição, a criança busca uma solução alternativa que lhe permita negociar um sim e derrubar o não.

Finalmente isolamos uma fala muito reveladora: “Complicado é ter pinto. Não ter pinto não é.”

O atendimento encerrou-se após as entrevistas preliminares, pois os pais decidem que poderão dar conta das questões do filho.

UM CASAL DE ADOLESCENTES

Como antecedentes da cena encontramos uma adolescente de aproximadamente 16 anos, séria, comportada e responsável, segundo sua mãe, e um rapaz da mesma idade, recém chegado no colégio e muito cobiçado entre as colegas.

A cena desenvolve-se no colégio. O rapaz rapidamente a conduz a um sanitário vazio onde a ameaça e imobiliza enquanto desnuda-se. A proximidade de um inspetor de alunos interrompe a cena e a moça, em pânico, foge para casa e nada conta a ninguém até o dia seguinte.

Ao saber do ocorrido a mãe vai ao colégio e pede providências à diretoria, reivindicando a punição do rapaz por tentativa de estupro. O colégio questiona esta interpretação do fato e “coloca panos quentes”, pois o referido aluno tem relações de amizade com a diretoria do colégio.

O rapaz, ao ser questionado, alega que a moça mostrou-se provocante durante uma atividade teatral promovida pelo colégio e a acusa de envolvimento amoroso com professores, colocando em dúvida a sua retidão moral.

O fato parece ter desestruturado os pais que se mostram bastante desnorteados. Ao tomar conhecimento do fato o pai reclama da filha uma reação de defesa ao ataque e, após uma subsequente viagem de trabalho, desaparece por alguns dias sem dar notícias. No retorno o clima conjugal vira uma guerra. A mãe, revoltada com o fato e com a escapada do marido, afirma seu poder de resposta e dispara para todos os lados e principalmente sobre o marido.

O pai, monossilábico durante a entrevista, mostra-se muito deprimido e frágil e informa que foi encaminhado a uma análise.

A adolescente vem para a entrevista e repete ao pé da letra o relatório feito pela mãe, à exceção do discurso sobre o poder fálico que esta havia desenvolvido em causa própria durante a primeira entrevista. Note-se que essa mãe é uma mulher extremamente ativa e atraente enquanto o pai é um homem franzino e parece arrasado pela situação.

Nem a filha, nem os pais voltaram novamente ao consultório.

O ANALISTA

Uma faculdade de Psicologia propõe aulas práticas de psicanálise. A faculdade oferece atendimento terapêutico dito psicanalítico e propõe, em contrato assinado no início do tratamento, que o paciente aceite submeter-se à análise num ambiente equipado com espelhos através dos quais os estudantes assistem às sessões para posterior discussão.

Não tomo estas situações como casos clínicos. Tampouco pretendo fechar as questões que delas surgem porque não temos delas uma análise acabada e maiores detalhes que permitam afirmações conclusivas. A situação do analista, se a trago, é por achar que estamos num tempo onde as coisas mais impensáveis estão acontecendo sob o título de “Psicanálise” e seria frutífero fazer uma leitura destas questões segundo a ótica e a ética psicanalíticas.

Faremos delas matéria prima para elaboração. Podemos apenas nos perguntar, ao invés de antecipar respostas.

Será esta criança um futuro homossexual? Será que assistimos aqui ao nascimento de um fetiche? Que estrutura resultará desse contexto Edípico ora em curso?

Na cena dos adolescentes poderíamos questionar: seria esta cena potencialmente traumática, como se supõe? Trauma de quem? O que é que paralisa esta menina? Podemos tomar esta cena como um ato perverso? A falta de punição por parte do colégio indica uma aquiescência, um compartilhamento ao ato?

E o analista que coloca em exibição a si e aos seus pacientes; que, em nome de um ensino, convida o paciente a participar de uma cena que envolve a exposição da sua intimidade a olhares estranhos e indistintos; que desejo o move nessa escuta assistida, que posição ética justificaria tal ato? Que efeitos podem surgir no paciente que se instala numa sala cheia de espelhos, sabendo que é olhado? E mais, que efeito sofre o analista sabendo que é observado?

O TEXTO

A teoria da sexualidade em Freud começa pela aberração sob a alegação de que as aberrações sexuais consistem na satisfação direta de componentes da sexualidade dita normal.

No 1º dos 3 Ensaaios sobre a Sexualidade², Freud diz que:

“A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele.”

Sublinhamos nesse texto a palavra transgressões e lembramos que sob esse nome Freud inclui, além da homossexualidade, todos os casos em que o objeto ou o fim sexual sejam incompatíveis com a procriação.

Neste tempo de Freud, em que a procriação é afirmada como parâmetro de normalidade, a genitalidade representa o ápice de um processo de unificação pulsional a ser atingido, que ele denomina pulsão genital propriamente dita.

A sexualidade é em sua origem perversa-polimorfa e deve sofrer uma convergência, a reunião das pulsões ditas parciais, pré-genitais, sob o primado da pulsão genital.

O termo transgressão supõe uma norma, uma regra; interdição que fica suspensa nos casos de perversão, permitindo assim o livre acesso ao objeto e fim pulsional originais.

É nesse sentido que podemos dizer que a sexualidade tem um viés, uma vertente perversa, que contraria a norma da procriação, mas que permanece presente e atuante, como coadjuvante, na satisfação sexual.

“Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos.”³

Dito isso, subentende-se que a sexualidade deve estar submetida a um certo regramento que iniba (pudor, repugnância e moral – primeiras barreiras) as pulsões parciais que prejudicariam a realização da sexualidade para a procriação. Seria este, então, o objetivo fundamental da educação, que Freud incluiu entre os 3 produtos impossíveis da civilização – Educar, governar e psicanalisar.⁴

A pulsão é acéfala, conclui ele, e os mecanismos da civilização não dão conta de adestrar o gozo todo. Além disso, a partir da releitura feita por Lacan, entendemos que o gozo sexual é essencialmente fálico, funciona a partir do registro da castração, visando em última instância a satisfação do desejo. A procriação nesse quadro vem ocupar um mero segundo plano, ou seja, ela também passa pela via de um desejo, o desejo de gerar um falo. O que realmente interessa ao sujeito é manter acesa a chama do desejo desse falo - inatingível em sua realidade -, pois o apagamento do desejo mata o sentido da vida e faz prevalecer o gozo fora da linguagem, o Outro gozo em seus efeitos de mortificação.

Freud diferenciou 3 mecanismos que respondem a esta tentativa de barrar o gozo, que resultam em 3 modos específicos de articular essa relação entre o sujeito e seu gozo.

² As aberrações Sexuais In: Três Ensaaios sobre a teoria da Sexualidade –1905 E.S.B. vol.VII - Os grifos são nossos

³ Idem

⁴ Análise terminável e interminável, 1937 capítulo 7 – E.S.B. Vol. XXIII

Lacan retoma estes 3 modos como configuradores da estrutura e vincula a cada um deles uma das 3 estruturas clínicas.

VERDRÄNGUNG = recalçamento, é o mecanismo mais eficaz para conter a satisfação pulsional e consiste em tornar inconsciente a representação ideativa (significante, representante representativo) da pulsão. Resultado: Neurose

VERWERFUNG = forclusão – rejeição da representação (significante) que promoveria a exclusão desse representante das cadeias de significação, configurando lacunas neste campo. É o mecanismo próprio da Psicose

VERLEUGNUNG = recusa (da realidade), que implica a negativização de uma representação, no sentido de que, ao contrário dos outros dois mecanismos, não expelle o significante da consciência, nem do campo das significações, mas apenas nega sua efetividade, sua veracidade. Freud dirá no Esboço de Psicanálise⁵ que esse mecanismo responde especificamente à descoberta da castração feminina e está presente nas várias formas de Perversão.

A tradução do termo alemão é problemática.

Lacan propõe o termo DEMENTI, desmentido, que se opõe a DENI, denegação, que corresponde a verneignung em alemão.

A denegação, VERNEIGNUNG, tem um efeito de retificação de uma afirmação, que é descartada. Guy Clastres a define assim: É um “mecanismo pelo qual um sujeito designa o que ele nega. De uma certa forma, uma negação que repousa sobre uma afirmação”.⁶

Na denegação trata-se do sujeito rejeitar um pensamento por ele enunciado, descartando-o.

O desmentido implica especificamente uma relação com a questão da verdade da castração, na medida em que se trata de “des-admitir” a castração materna. O desmentido visa diretamente a angústia que advém da castração imaginária.⁷

Sobre o desmentido Guy Clastres diz que: *“Só se desmente a verdade e em nome da verdade. [...] O perverso é aquele que na sua estrutura clínica, de uma parte reconhece a castração materna e, ao mesmo tempo, funciona no sentido de desmenti-la. Seu ato é sustentado subjetivamente por uma relação ao desmentido, contrariamente ao que se passa no lado neurótico.*

Poder-se-ia dizer que no caso do desmentido há um Não que remete, ao mesmo tempo, a um SIM, mas também a um NÃO.”⁸

Freud vai traduzir este estado de coisas como uma “clivagem do eu” em seu artigo de 1938⁹, onde – tomando como paradigma as duas atitudes do fetichista de recusar a percepção da falta de pênis na mulher e reconhecer esta falta - ele diz que estas duas atitudes *“... persistem ao longo da vida lado a lado sem se influenciarem reciprocamente”*.

É interessante notarmos que essa lógica onde os opostos coexistem é a lógica própria do inconsciente, estranha ao processo secundário, próprio do funcionamento do consciente.

⁵ 1938 – E.S.B. vol. XXIII

⁶ “Ato neurótico e ato perverso” Folha 32/33 -1990 - Pág. 8

⁷ A Impostura Perversa - pág. 311

⁸ Idem - pág. 8

⁹ A divisão do ego no processo de defesa – 1938 – E.S.B. vol. XXIII

Tomemos o discurso da criança. Não é permitido levar os brinquedos do consultório para casa. Ao que ela acrescenta na seqüência: “Só se eu ...”

Que equivaleria à fórmula:

Não existe um pênis na mamãe. ...Só se eu colocar um véu de longos cabelos onde deve haver o pênis... que não existe.

Podemos ver aí uma estrutura discursiva que permite jogar com a verdade da castração em nome da verdade subjetiva, evitando assim a angústia de castração.

A mãe não tem pênis, mas ainda assim ela é fálica, e o véu do fetiche sustenta esta verdade como substituto que cobre a ausência com uma presença reiterada: cabelos longos, bonecas, roupas cor de rosa que cobrem os corpos para iludir a falta, etc ...

Gerard Pommier articula o gozo fálico à perversão e ao desejo da mãe.

“Através de cada uma de suas falas, uma mãe reclama algo cuja significação permanece incompreensível, e se o corpo da criança deve responder a essa demanda, aquilo que ela diz provocará uma inquietude. O pesadelo primeiro, a fobia, a angústia de um despedaçamento, se reúnem nesse temor de que o corpo seja aprisionado, engolido pelo furo escavado pelas palavras de seu amor. [...] Tudo o que se nomeia porta o nome daquilo que ela reivindica, de um falo talhado inicialmente à medida do corpo.

O Nome do Pai localiza sua significação, desembaraça a língua de sua conseqüência incestuosa. O totem delimita o espaço do feminino, do harém, e mantém aquilo que há de inquietador na reclamação materna fora do círculo da linguagem.

O Nome do Pai é a metáfora do desejo materno, localiza num ponto um falo que não se pode nomear. A criança abandona então seu paramento fálico e procura ganhar novamente, graças à posse do órgão, aquilo que assim perdeu. ... O desejo da mãe pelo terceiro paterno significa que a ela falta, e correlativamente, a criança passa da posição de ‘ser o falo’ para a de ‘tê-lo’, não sem que essa aquisição seja, desde a origem, acompanhada pela angústia de castração que uma rivalidade desigual a faz suportar.”¹⁰

Neste contexto sobressai a função do pai, tanto quanto a do totem, - se nos remetemos ao texto de Totem e Tabu¹¹ - de introduzir a castração como simbólica e, conseqüentemente, a falta como generalidade fazendo passar do ser ao ter e do ter ao obter (3º tempo do Édipo), ao mesmo tempo em que circunscreve o desejo materno a um campo, a um ponto, que salva a criança do caráter avassalador desse desejo. O Nome do Pai é o que amarra as significações, faz o nó que interrompe e fixa o deslizamento e a proliferação desgovernada das ameaças imaginárias.

Philippe Lacaddeé chama a nossa atenção para o fato de que na relação entre mãe e filho não se trata de amor, mas sim de gozo. Gozo da mãe com o todo do corpo do filho e o gozo do filho com as partes do corpo todo da mãe. Esse gozo oceânico sem limites, sem bordas, é *des – norteado*. O Nome do Pai oferece uma ancoragem para fazer cessar essa deriva.

Ser o falo da mãe implica sempre uma destituição e a impossibilidade de constituir um falo próprio. Ser o falo sustenta a existência da mãe como fálica, e não a do filho.

Isto pode desembocar numa psicose pela alienação da criança ao Outro materno, quando a mediação do NP inexistente.

¹⁰ Gozo fálico, Perversão. In: A exceção feminina – Os impasses do gozo – J. Z. Ed. RJ. 1987 pág. 129

¹¹ Totem e Tabu – 1912 – E.S.B. vol. XIII

Mas pode também desembocar na perversão se a criança tiver a “sorte” de apenas encarnar, encenar, vestir-se ou fazer-se de falo em resposta a esse desejo voraz que vem da falta materna.

No caso desta criança, parece que ela trata de denunciar ao desmentir a castração feminina.

Serge André aborda esse efeito de denúncia que aparece como um viés da modalidade perversa do discurso. Ele propõe o desmentido como “uma relação particular do sujeito com a linguagem”, cujos efeitos se expressam como uma ética própria.

“É que a perversão é algo totalmente diferente de uma entidade clínica: ela é um certo modo de pensar. Um pensamento cuja essência demonstrativa decorre das relações do perverso com a fantasia e com a Lei. Situar o perverso como o moralista de nosso mundo, entregue às exigências cada dia mais desumanas do discurso da ciência, sem dúvida não seria a descoberta menos irônica da psicanálise atual.”¹²

No caso dos adolescentes notamos uma estrutura discursiva semelhante. Essa estrutura, se não corresponde à perversão enquanto estrutura clínica pode, no mínimo, encontrar correspondência no que chamamos de traço de perversão. O traço de perversão é um comportamento sexual montado sobre uma fantasia que veicula um gozo. Isto pode ocorrer em qualquer estrutura clínica.

Podemos extrair desse episódio pelo menos dois efeitos compatíveis com o ato perverso:

1º) um efeito direto, implicado na finalidade do ato, que é de provocar a divisão subjetiva do outro. A divisão do outro permite ao sujeito gozar resguardado da angústia de castração; é o outro que se choca, é o outro que sofre o horror de se imaginar castrado e impotente, enquanto o sujeito permanece sem divisão. É o triunfo sobre a castração.

2º) um efeito ético que permeia o argumento pelo recurso à moralidade. Tal argumento propõe, ao estilo do herói sadeano, o direito de gozar do corpo do outro. A vontade de gozo fica então instituída como lei natural. E o sujeito, colocando-se em posição de objeto, opera uma inversão da relação com o Outro, denunciando a verdade sobre o seu desejo. O Outro é que desejou e provocou seu ato, não ele.

Esta impostura se presta ao aliciamento do neurótico “incauto” que, fispado nessa isca, colhido pela ressonância entre esses efeitos de gozo e a sua verdade recalçada, facilmente embarca na montagem perversa. Participa dela do mesmo modo que no chiste, onde um diz a verdade e os outros desfrutam dela.

Freud esclarece que aquilo que o perverso realiza, põe em ato, é o que o neurótico sonha fazer. É o clássico enunciado freudiano: a neurose é o negativo da perversão. Ali onde o neurótico recalca o desejo, o perverso avança em sua vontade de gozo, sob a proteção de uma impostura.

O neurótico deseja. O perverso quer gozar.

Freud em “Uma criança é espancada”¹³ sustenta que a fantasia é perversa em sua essência e que isso não depende do tipo de estrutura em jogo.

Serge André em seu livro sobre a “Impostura Perversa” diz o seguinte:

“Se devemos sustentar, com Freud, que não existe fantasia própria do perverso – no sentido de que as fantasias dos neuróticos não são diferentes dos cenários perversos -,

¹² A Impostura perversa, pág. 311/312

¹³ 1919 – vol. XVII

não creio, por outro lado, poder contentar-me em definir o perverso como sendo aquele que faz uma atuação, aquele que realiza sua fantasia no palco do mundo. Nem todos os perversos atuam, e alguns neuróticos não conseguem impedir-se de fazê-lo. Ao contrário, estou convencido de que existe uma maneira perversa de enunciar a fantasia, sobre a qual Sade [...] nos dá indicações preciosas. A perversão, em suma, é uma questão de estilo. Com isso quero dizer que é em sua própria fala que o perverso começa a atuar.

Sabemos que o neurótico se cala sobre a sua fantasia, ou que só a entrega, na experiência analítica, com extrema dificuldade, como uma confissão arrancada à vergonha, cercado-se de toda sorte de precauções. É que, para ele, fazer a fantasia passar da cena privada para a cena pública, confiando-a a um ouvinte, equivale, automaticamente, a se apontar como culpado e se expor às censuras do Outro. Não é o caso do perverso, pelo menos do perverso confesso, que manifesta, ao contrário, uma tendência a exibir suas fantasias, muitas vezes à maneira de uma provocação.”¹⁴

Quem se submeteu à análise alguma vez, sabe disso. E quem levou sua análise às últimas conseqüências, sabe mais ainda...

Tomaremos como gancho este último parágrafo de Serge André para fazer a passagem para a questão do analista, sob os ecos dessa frase: *“É que para ele, fazer a fantasia passar da cena privada para a cena pública, confiando-a a um ouvinte, equivale automaticamente, a se apontar como culpado e se expor às censuras do Outro. Não é o caso do perverso ...”*

O setting analítico, como foi denominado pelos pós-freudianos o conjunto de regras que utilizamos, ou o dispositivo analítico - a partir de Lacan - encontrou suas diretrizes básicas no pressuposto da regra fundamental: facilitar, diminuir a resistência própria à associação livre, propiciando a emergência do inconsciente. Se Freud adotou o divã como facilitador, isto encontra sua razão no fato de que nesta posição a mobilidade do corpo e a visão do ambiente e do analista são minimizadas.

Freud percebeu que a postura cara a cara criava obstáculos tanto do lado do paciente quanto do analista, justamente em função da questão do olhar.

No Seminário 11¹⁵, ao tratar da transferência, Lacan trabalha ao longo de vários seminários a questão da pulsão escópica e seus efeitos na análise.

Cito um trecho de sua resposta no seminário de 19 de fevereiro quando X. Audouard lhe pergunta:

“Em que medida é preciso, na análise, fazer o sujeito saber que o olhamos, quer dizer, que estamos situados como aquele que olha no sujeito o processo de se olhar?”

... o plano da reciprocidade do olhar e do olhado é, mais que nenhum outro, propício, para o sujeito, ao alibi. Conviria então para nossas intervenções na sessão, não fazê-lo estabelecer-se nesse plano. Seria preciso, ao contrário, truncá-lo por esse ponto último do olhar, que é ilusório.

*O obstáculo que vocês notam está mesmo aí para ilustrar o fato de que conservamos uma grande prudência. Não dizemos ao paciente a toda ocasião – Ora, ora, com que cara você está!, ou – O primeiro botão de seu colete está desabotoado. Assim mesmo, **não é por nada que a análise não se faz face a face**¹⁶. A esquize entre olhar e visão*

¹⁴ Pág. 43/44

¹⁵ O Seminário – livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

¹⁶ Os grifos são nossos

nos permitirá, vocês verão, ajuntar a pulsão escópica à lista das pulsões. Se sabemos lê-lo, nos aperceberemos de que Freud já a coloca no primeiro plano em As pulsões e seus avatares, e mostra que ela não é homóloga às outras. Com efeito, ela é a que elude mais completamente o termo da castração.”¹⁷

Em outras palavras, o olhar é, para Freud, uma das pulsões parciais que o analista deve se precaver de satisfazer na situação analítica.

Dito isso, só podemos então entender como um grande equívoco essa inusitada proposta de uma psicanálise sob observação, na medida em que não só ela coloca de saída um obstáculo ao aprofundamento das questões mais íntimas do analisante ao instalá-lo numa cena pública, mas ainda, no que ela fornece o álibi perfeito para um gozo permitido, livre dos infortúnios da castração. Por definição, uma situação que oferece álibi à angústia de castração, não pode ser considerada ato analítico, mas ao contrário, uma manobra para a realização de um ato perverso.

Mas como o equívoco é uma encruzilhada de significações, ele nos convoca a prosseguir nessa leitura. Não podemos parar aqui.

Questionamos agora que desejo teria movido em direção à formulação de uma tal proposta, que classificamos de inusitada.

O desejo do analista é o motor da análise. O analista está aí como causa do discurso do sujeito em análise, visando, mais além desse discurso, a fantasia fundamental e aquilo que ela traz de perverso em seu bojo.

O desejo do analista, segundo Serge André, não é um desejo puro e *“poderia ser definido como o desejo de um homem prevenido.”*¹⁸ Com isso ele pretende dizer que, tendo passado por um final de análise que supõe um saber sobre a sua fantasia fundamental, o analista deve tomar seu próprio desejo de tornar-se analista como um desejo eminentemente suspeito.

Lacan, mais adiante no Seminário 11¹⁹, diz que nessa história existem duas vertentes diferentes: O que o analista quer fazer do paciente e o que o analista quer que o paciente faça dele. Temos aí o par da fantasia do analista: o analista na posição de sujeito e o analista como objeto.

Este par nos guia numa leitura possível desta escuta dita analítica. O que quer um analista que força para dentro do dispositivo analítico o olhar de terceiros? Se isto é feito em nome de uma transmissão de saber, que fantasia permeia essa estratégia de transmissão? Que lugar ocupa o par analista/analisante diante dessa platéia?

Esse 3º, colocado em posição de expectador da cena analítica, vem compor um cenário que evoca o sonho paradigmático do caso do Homem dos Lobos²⁰.

“Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado [...]

A única ação no sonho foi a abertura da janela, pois os lobos estavam sentados muito quietos e sem fazer nenhum movimento sobre os ramos da árvore, à direita e à esquerda do tronco, e olhavam para mim. Era como se tivessem fixado toda a atenção sobre mim. — Acho que foi meu primeiro sonho de ansiedade”

¹⁷ pág. 18

¹⁸ pág. 46

¹⁹ pág.151

²⁰ História de uma neurose infantil – 1918 – E.S.B. vol. XVII

Como todos sabem, Freud refere este sonho à cena primária constituinte da fantasia fundamental deste sujeito dividido entre fascinado e horrorizado, imobilizado na fixidez desse olhar e ser olhado.

O analista colocado no centro da cena, em posição de objeto dos olhares de vários outros, remete a esse movimento de retorno da pulsão escópica - ver, ser visto, ser visto vendo – que mobiliza nesse contorno um gozo que se desdobra sobre si mesmo.

Se, por outro lado, buscamos uma motivação da situação pelo viés de uma transmissão fiel da análise, - de um ver para crer proposto pela metodologia da ciência - descobrimos que sob o argumento de tudo ensinar, jaz uma lógica implícita de - nos moldes sadeanos - dizer tudo, mostrar tudo, para nada faltar, para transmitir toda verdade de uma análise, enfim, para desmentir a falta fundamental e o impossível de se dizer e também de se demonstrar toda a verdade, principalmente quando se trata do inconsciente.

A verdade que se entrevê aí é um desejo de encenar ou de encarnar o mestre detentor do saber e da verdade de como fazer, tornar-se o modelo a ser seguido por um aluno tomado como Coisa, coisa que olha para ver e apreender tudo que lhe é mostrado, mas principalmente, para vê-lo fazer.

Repetimos então o enunciado de Serge André, que agora assume ainda mais sentido:

“Situar o perverso como o moralista de nosso mundo, entregue às exigências cada dia mais desumanas do discurso da ciência, sem dúvida não seria a descoberta menos irônica da psicanálise atual.”²¹

E nós acrescentaríamos: Mais irônico ainda é, sob a égide de um interesse científico - acadêmico, fazer da psicanálise mais um modo de gozar, satisfazendo assim o próprio viés perverso da sexualidade.

BIBLIOGRAFIA

André, S. - A Impostura perversa – Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro

Clastres, G. - “Ato neurótico e ato perverso” In: Folha 32/33 -1990

Freud, S. - Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade –1905 - E.S.B. vol.VII

_____ - Totem e Tabu – 1912 – E.S.B. vol. XIII

_____ - História de uma neurose infantil – 1918 – E.S.B. vol. XVII

_____ - Uma criança é espancada - 1919 – E.S.B. vol. XVII

_____ - Análise terminável e interminável, 1937 capítulo 7 – E.S.B. Vol. XXIII

_____ - Esboço de Psicanálise -1938 – E.S.B. vol. XXIII

_____ - A divisão do ego no processo de defesa – 1938 – E.S.B. vol. XXIII

²¹ A Impostura perversa, pág. 311/312

Lacan, J. - O Seminário – livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise – Jorge Zahar Ed.

Pommier, G. - A exceção feminina – Os impasses do gozo – Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro. 1987